

Na Praia do Flamengo, antiga do sapateiro Sebastião Antônio Gonçalves, e depois da — Aguada dos Marinheiros — (por ser aí então feita a aguada para as embarcações no rio Carioca), foi edificada a primeira casa de pedra do Rio de Janeiro — próximo do Morro da Viúva, antes do Leripe e pertencente ao sapateiro Sebastião Gonçalves. Dessa casa começou a medição da sesmaria da cidade, patrimônio municipal. Dizem que foi mandada edificar para nela ser estabelecida uma fábrica de tijolos e telhas. De 1568 a 1574, residiu nessa casa Pedro Martins Namorado, primeiro Juiz do Rio de Janeiro. Muitos anos depois residiu na casa que fôra de Martins Namorado o ilustre publicista francês Lery.

A freguesia de N. S. da Glória foi criada pelo Decreto da Assembléia-Geral n.º 13, de 9 de agosto de 1834, e desmembrado na mesma data o seu território da de S. José (68 — *Teve os seus limites alterados pelos Decretos Municipais n.ºs 434, 864 e 3 816*). A igreja Matriz, ereta na Praça Duque de Caxias, está sob a invocação da padroeira da paróquia. A irmandade foi fundada antes de 1720. Em época remota a sede da irmandade era na capela de Antônio Joaquim Pereira Velasco, na Rua das Laranjeiras, ereta sob a invocação de N. S. dos Prazeres. Em 4 de abril de 1835 foi comprada pela quantia de 5:187\$686, inclusive despesas de transmissão de propriedade, a capela de Antônio José de Castro, construída em 1720, no Largo do Machado e reconstruída em 1818, pela Rainha Carlota Joaquina. Nessa capela estêve a Matriz de 1835 a 1837, construindo-se depois a igreja, no mesmo local, por ter sido demolido o pequeno templo de Antônio José de Castro (69 — *A Irmandade do S. Sacramento de N. S. da Glória foi fundada em 26 de janeiro de 1835, aceitando a Capela de N. S. dos Prazeres como Matriz provisória. A igreja Matriz não foi construída no terreno da antiga capela da Rainha D. Carlota (atual Rua das Laranjeiras, n.º 9), pois, êste foi vendido em leilão ao Comendador José Batista Martins de Souza Castelhões, que aí construiu uma bela residência. Foi no terreno cedido por Carvalho de Sá, com frente para o Largo do Machado, entre a Rua das Laranjeiras e Rua Gago Coutinho (antiga Rua Carvalho de Sá), que se construiu a Igreja de N. S. da Glória*). Em 18 de julho de 1842 teve lugar a cerimônia da colocação da pedra fundamental da Matriz, em terreno cedido à irmandade por Domingos Carvalho de Sá. Terminadas as obras do templo, foi êle aberto aos fiéis no dia 28 de setembro de 1872. O primeiro vigário que teve a freguesia foi o Padre Joaquim de Melo Castelo Branco. É atualmente vigário o Cônego Mariano Antônio de Velasco Molina.

Possui a paróquia de N. S. da Glória as seguintes igrejas e capelas: a de N. S. da Glória do Outeiro, no Morro da Glória; a de N. S. da Lapa do Destêrro, no Largo da Lapa; a de S. João de Deus, no Hospital da Beneficência Portuguesa, da Sociedade do mesmo nome, na Rua Santo Amaro; a de N. S. da Piedade, na casa da Rua Marquês de Abrantes, n.º 19, antiga propriedade do Visconde de Silva; e a do Coração de Jesus, na Rua Benjamin Constant.

No Largo da Lapa fica o Convento do Carmo, da Ordem de N. S. do Carmo (69A — *Os carmelitas se mudaram para a Lapa, em 1810, após a chegada da Côrte Portuguesa, porque o convento daqueles frades, na atual Praça Quinze de Novembro, passou a servir como dependência do Paço*).

Tem sede na freguesia as Irmandades de N. S. da Glória do Outeiro, dependente da igreja do mesmo nome; e a do S. Sacramento, na Igreja de N. S. da Glória (Matriz da paróquia).

Encontramos na Glória dois templos de religião protestante: a Igreja Metodista Episcopal do Sul (Methodist Episcopal Church) na Rua Conde Baependi, n.º 1; e a Igreja Metodista Americana (Anglo American Church), no Largo do Catete, n.º 7.

Dos templos católicos o que merece mais atenção é o de N. S. da Glória, no morro do mesmo nome. A Igreja de N. S. da Glória do Outeiro foi em princípio ermida em que se recolheu em 1671 Antônio Caminha. É de tradição que a imagem de N. S. da Glória se tornou querida pelos milagres que fazia, mormente aos sábados com a concorrência do povo crente. O Dr. Cláudio Gurgel do Amaral, possuidor do sítio da Glória, fêz doação à confraria, estabelecida no Outeiro, das terras e da capela, por escritura pública de 20 de junho de 1669, sob a condição de a mesma edificar à sua custa a igreja, a qual foi acabada em 1714. Além da missa que se rezava sempre aos sábados, em memória dos milagres da santa, realizava-se e ainda hoje se realiza anualmente a festa da padroeira, com pompa sem igual, a 15 de agosto. Nos últimos anos do Vice-reinado, a festa da Glória era uma comemoração popular; a ela concorriam os Vice-reis, protetores da irmandade, moços e velhos, pobres e ricos; tudo que o Rio de Janeiro possuía de *chic* e de elegante, de bom e de mau comparecia ao pátio da igreja, entrava no templo, ria e brincava: — os trovadores de esquina cantavam sentimentais modinhas, que fizeram sucesso até depois de 1830.

De 1808 em diante, com o desenvolvimento que tomou o Rio de Janeiro pela residência efetiva do Rei D. João VI e elevação do Brasil a Reino Unido, a Igreja de N. S. da Glória do Outeiro, como tôdas as instituições da cidade, teve um progresso extraordinário, aviventando o esplendor das festas da padroeira.

As damas e os cavalheiros da Côrte esforçavam-se para que a Igreja do Outeiro mantivesse e aumentasse o culto a Nossa Senhora.

A tal respeito, escreve o ilustre Dr. Melo Moraes Filho buri-lada crônica (*Festas e Tradições Populares do Brasil*): “No tempo de D. Pedro I as festas da Glória eram ofuscantes de brilho pelo lado religioso, de grandeza desusada como pompa exterior, e de verdadeiro caráter principesco, como conclusão aristocrática. Oficiavam bispos, pregavam oradores célebres, as missas eram de compositores da estatura de Pedro Teixeira, José Maurício e Marcos Portugal. Cantavam no côro as vozes mais afamadas; e os sopranos pertenciam ainda ao grupo dos sete castrados, que o ilustre e tão desfavoravelmente julgado D. João VI fizera vir da Itália. À noite os quarteirões da Glória e do Catete povoavam-se como nunca. As músicas tocavam nos coretos, as casas e as ruas enfeitavam-se, iluminavam-se e os bailes da Baronesa de Sorocaba, que estuavam nos dourados salões de seu palacete da subida do morro, eram honrados pelo Primeiro Imperador, cuja presença representava a majestade da festa e a soberania do amor. Em anos mais felizes do Segundo Reinado, a festa de que nos ocupamos tinha sentimento próprio, afinado pelo diapasão das tendências devotas e nacionais. A crença popular não conhecia medida; o entusiasmo público transbordava pelo que a religião tem de mais poético e o coração de mais nobre.

O prólogo da admirável festividade eram as novenas. No dia 5, de manhã, as aias de Nossa Senhora, naquela época môças da mais elevada classe, bem como as Baronesas de Sorocaba e de S. Nicolau, D. Margarida Delfim Barroso e D. Matilde Delfim Pereira, vestiam na sacristia a sagrada imagem, que levavam para o altar. Ao escurecer, a igreja, tôda armada e circulada exteriormente de luzes em globos e arandelos, campeava nos ares como um farol a distância, dando aviso aos devotos e aos mareantes das referidas novenas de que seria teatro. Desde logo os aprestos gerais começavam, as casas dos romeiros atapetavam-se, as ofertas à Santa afluíam, e tudo estava a caminho.

Logo que amanhecia, os sinos repicavam, os carros tirados a dois e quatro cavalos desfilavam pelo cais da Glória, conduzindo devotos e curiosos, grandes senhores e nobres damas. Belas mulatas, lustrosas crioulas, velhos e crianças, homens e mulheres de tôda a casta aproximavam-se contritos, entupiam a ladeira, deixando após si grossas massas de povo, conduzindo a pluralidade dos romeiros velas de cêra enfeitadas de desenhos, de flôres de pano e vistosas fitas, braços, cabeças, pernas, seios e barrigas de cêra branca ou colorida, promessas de *milagres*

que nas horas aflitas fizeram fervorosos à Virgem de sua invocação. Antes das 10 horas da manhã, a música de barbeiros marchava, indo postar-se na baixada da igreja. Dessa banda, a principal, era diretor um certo Dutra, mestre de barbeiros na Rua da Alfândega, que a ensaiava e fardava para as mais ruidosas funções. Tôdas as figuras eram negros escravos; o uniforme não primava pela elegância, nem pela qualidade. Trajavam jaqueta de brim branco, calça preta, chapéu branco alto, e andavam descalços. Os que não sabiam de cor a parte, liam-na pregada a alfinêtes nas costas do companheiro da frente, que servia de estante.

Na Praça da Glória um coreto magnífico recebia a banda militar. A Lapa, o Catete e a ladeira formigavam de gente. Bandeiras e galhardetes, colchas de damasco, globos e outros preparos de esplêndida iluminação completavam o pitoresco do sítio, que, dia e noite, se animava nos suntuosos festejos. Sentados sôbre a muralha que circula o templo, homens e mulheres, tendo entre os joelhos as crianças, abriam os chapéus de sol, que os protegiam das verberações ardentes; salteados aqui e ali, um ou outro indivíduo cavalgava o muro, deitava as pernas para a banda de fora, balançando-as, e as crias bem vestidas, preenchendo espaços vagos, espichavam a cabeça preta, arregalavam os olhos vermelhos, surgindo por trás da muralha de granito. Quem subia a ladeira, lastrada de fôlhas aromáticas e sombreada pelas colchas que flutuavam das janelas, maravilhava-se da original galeria, assustava-se da saraivada de foguetes que troavam e, a cada momento, o eco da cisterna do pátio de pedra repetia o fim das palavras que lhe pronunciavam à garganta escancarada. E os arqueiros estendiam-se em alas.

As carruagens, rodando intermitentes, paravam em baixo; saltando da boléia, os criados de libré aproximavam-se da portinhola, descobriam-se à descida dos altos personagens do clero, das grandes damas da côrte, dos embaixadores, da nobreza enfim, que se encaminhavam para o outeiro. De repente inúmeras girândolas varavam o ar, estourando prolongadas. O Hino Nacional executava-se nos coretos; oficiais e soldados da Guarda Nacional e de tropas de linha destacavam-se dentre o povo, e os dois batedores do piquêto do Imperador relampeavam de perto as espadas, abrindo o caminho. E Suas Majestades e Altezas, com o seu séquito opulento e distinto, apeavam-se, tomando a serpeante ladeira, subindo os degraus de mármore do gracioso adro, e desaparecendo em breve no profundo da igreja. O aspecto interior do templo, era deslumbrante: ouro, gemas preciosas, damasco, flôres, luzes sem conta. Apenas entravam, Suas Majestades e as princesas ocupavam o dossel. Nas tribunas, junto do altar-mor, fascinavam de riqueza e for-

mosura as aias e as devotas de Nossa Senhora. No côro a orquestra preludiava os intróitos da missa solene, quase sempre composição de José Maurício ou Marcos Portugal. Facciotti, Reale e Ciconi, os três castrados que passaram do Primeiro Império, lá se achavam — famosos sopranos que iam casar suas vozes às dos celebrados cantores do Lírico e da Ópera Nacional. E o alto clero, representado por suas culminâncias, deixava a sacristia ornada de emblemas votivos, dando comêço à missa. Naqueles bons tempos pregavam o Evangelho — Sampaio, Mont'Alverne, Monsenhor Marinho, o Cônego Barbosa França e doze outros oradores, para os quais a tribuna sagrada foi verdadeiro “carro de triunfo”. Terminada a festa, mesmo depois da retirada de Suas Majestades, a igreja, o largo pátio e a esplanada da ladeira permaneciam repletos das multidões que se substituíam, persistindo a lufa-lufa, o prodigioso concurso, até depois do fogo de artifício, queimado às 10 horas. À noite, a festa da Glória, sem perder a sua característica de pompa verdadeiramente real, interessava mais diretamente ao povo. As luminárias, o templo embandeirado, a iluminação da frente de tôdas as casas do quarteirão, os barcos refletindo na água as luzes da proa, as famílias sentadas em cadeiras às portas das habitações, as tocatas de violão e os bailes modestos, alegravam aquela gente, que tinha fé e divertia-se na felicidade comum. O *Tedeum* celebrava-se com grandeza dos estilos admiráveis, com a assistência de Suas Majestades e quando os sinos repicavam marcando o térmo da solenidade, pareciam o eco enfraquecido das salvas das fortalezas que algumas horas antes haviam anunciado o final da missa cantada e festiva de Nossa Senhora da Glória. E Suas Majestades, descendo a montanha sonora das ondas de povo, sob um teto listrado de bandeiras e radiante de luzes, dirigiam-se ao palacete em que presentemente funciona a Secretaria dos Estrangeiros, para tomar parte nos esplendurosos bailes do Baía (70 — *O palacete construído por Manuel Lopes Pereira Baía, Barão e Visconde de Meriti, foi comprado pelo Govêrno, sendo nêle instalada a Secretaria dos Negócios Estrangeiros. Em 1912, depois de demolido o palacete, ali se construiu o nôvo Palácio Arquiepiscopal*). Ninguém imagina as riquezas decorativas daquele edifício, iluminado por dentro e por fora, sulcado de globos acesos o jardim, contornadas de copos de côres as duas pirâmides — ao som da música, à queda das cascatas, ao perfume das flôres! Como não se elevaria o ideal do artista e do amante naquele âmbito orientalmente fantástico! Nos salões amplos e riquíssimos, os cantores do Lírico faziam-se ouvir ao estrépido dos aplausos, a aristocracia trocava entre si galanteios escolhidos; e passeando nas salas, à espera das damas, o corpo diplomático, os membros do Parlamento e os al-

tos funcionários do Estado adiantavam-se com as suas damas, adornadas de pérolas e brilhantes, que fascinavam ao brilho dos lustres de cristal e dos candelabros de prata e de ouro maciço.

.....
E Suas Majestades inauguravam o baile, honrando a primeira quadrilha, e a principesca festa desdobrava-se rápida e encantada, como o véu transparente de uma fada nas regiões dos sonhos e das fantasias. Enquanto no palacete do Bahia iniciavam-se quadrilhas e valsas, as mesmas cenas tinham lugar em casa do Senador Cassiano, da Baronesa de Sorocaba e de D. Rita Pinto Magessi, que, por devoção a N. S. da Glória, festejavam-lhe o dia com ruidosos bailes. Às 10 horas da noite, caprichosos fogos de artifício queimavam-se em terra e no mar, e a luz do fogo nas águas destacava na murada do cais e na extensão da rua o povo em tropa, agrupando-se aqui e ali, para melhor apreciar o surpreendente espetáculo. E pouco a pouco as multidões dispersavam-se. Os baile entravam pela noite adiante, pela madrugada. É da lenda, que quando o último baile do Baía acabou, uma luz única, que bruxoleava na torre da igreja, rolando ao longo do muro, como uma lágrima, apagou-se... E a festa da Glória passou à tradição!"

GOVERNADOR (Ilha do) — Sua população é aproximadamente de 4 200 habitantes; pelo recenseamento geral de 31 de dezembro de 1890, existiam 3 985 católicos e 4 protestantes. Em 1879 a população arrolada era de 2 856 habitantes.

Tem esta ilha cêrca de 32 quilômetros de circunferência sobre cinco ou seis de largura, sendo a maior da baía do Rio de Janeiro.

Nela estão situadas as seguintes igrejas e capelas: a de N. S. da Ajuda, Matriz da freguesia, edificada em 1710 e reedificada há vinte e tantos anos, por ter sido incendiada em 9 de agosto de 1871 (71 — *A Igreja de N. S. da Ajuda era primitivamente, em 1710, uma modesta ermida, que se arruinando pelo peso dos anos foi reerguida em 1743. Sofreu nova reedificação e aumento em 1811, sendo destruída por um incêndio em 1871. Por iniciativa do Barão de Capanema foi reformada em 1900, sendo o seu aspecto interno totalmente diferente da primitiva*); a dos frades beneditinos; e a de N. S. da Ribeira. No Morro do Ouro existiu a Capela de N. S. da Conceição, em terrenos pertencentes a Henrique Serrão.

Seu clima é quente e durante alguns meses do ano reinam as febres palustres e intermitentes.

A instrução pública é dada em 3 escolas municipais, sendo uma para meninos, existindo mais 7: 6 subvencionadas, das quais 3 para meninos e 1 subsidiada feminina.